

OPERAÇÃO SPLASH BACK!: A QUEERIZAÇÃO DA LIBERTAÇÃO ANIMAL E AS CONTRIBUIÇÕES DOS NEO-INSURRECIONÁRIOS QUEERS

Michael Loadenthal¹

Traducción: Cassiana Lopes Stephan²

A rede neo-insurrecionária conhecida como *Bash Back!* contribuiu para a queerização do discurso sobre a libertação animal através da publicação do comunicado de 2010 intitulado “*Bash Back!ers*, em apoio à autonomia da ação animal, clamam pela solidariedade trans-espécie em relação a Tilikum.” [Bash Back!ers In Support of Autonomous Animal Action Call for Trans-Species Solidarity With Tilikum] A política desenvolvida pela maioria dos movimentos neo-insurrecionários Queers, como exemplificado pela *Bash Back!*, serve para romper com as noções antropocêntricas concernentes ao *humano-libertador* e ao *animal-cativo* que constituem a peça central do discurso relativo à libertação animal. Através da apropriação de um ataque em que

¹ Georgetown University. E-mail: michael.loadenthal@gmail.com.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná (Curitiba-Brasil). Seus principais interesses de investigação concernem aos estudos filosófico-sociais relativos às políticas não-identitárias, à ética do cuidado de si, à amizade e ao animalismo como modos de pensamento e atuação que permitem problematizar, mas também afrontar as muitas formas de fascismo, as quais impedem o desenvolvimento da crítica acerca dos valores vigentes na sociedade e na cultura e, sendo assim, sufocam diferentes maneiras de viver ou de se relacionar.

E-mail: cassianastephan@yahoo.com.br

uma baleia orca matou sua treinadora no *SeaWorld*, a *Bash Back!* problematiza não somente a domesticação normalizada de animais não-humanos para o entretenimento, mas também o discurso utilizado para criticar tal escravização. Por meio de uma postura satírica e um quadro libertário, *Bash Back!* visa desenhar uma conexão interseccional entre os sistemas de dominação que escravizam tanto animais não-humanos quanto não-heterossexuais Queers. A partir da queerização deste entendimento concernente à libertação, *Bash Back!* busca modificar o caminho do discurso relativo à libertação animal no que tange ao quadro humano centralizador atinente à “libertação total” para um quadro antiespecista proposto, doravante, por meio da “solidariedade total”.

Palavras-chave: *Bash Back!*, insurreccionismo, anarquismo, orca, *SeaWorld*, interseccionalidade.

La red neo-insurreccional conocida como *Bash Back!* ha contribuido a la queerización del discurso sobre la liberación animal a través de la publicación del comunicado de 2010, titulado "Bash Back! en apoyo de la autonomía de acción animal, llamado a la solidaridad transespecie con Tilikum." [Bash Back!ers In Support of Autonomous Animal Action Call for Trans-Species Solidarity With Tilikum] la política desarrollada por la mayoría de los movimientos neo-insurreccionales Queers, como se ejemplifica en *Bash Back!*, es romper con las nociones antropocéntricas humano-liberador y animal-cautivo, que constituyen la pieza central del discurso sobre la liberación animal. A través de la apropiación de un ataque en el que una ballena orca mató a su entrenadora en *SeaWorld*, *Bash Back!* discute no sólo la domesticación normalizada de los animales no humanos para el entretenimiento, sino también el discurso para criticar tal esclavización. A través de una postura satírica y un cuadro libertario, *Bash Back!* intenta establecer una conexión interseccional entre los sistemas de dominación que esclavizan tanto como a animales no humanos como a no-heterossexuales Queers. A partir de la queerización de este sentido acerca de la liberación, *Bash Back!* busca modificar la ruta del discurso relativo a la liberación animal en lo que atañe a la estructura humana centralizadora referida a la "liberación total" para un marco antiespecista propuesto, de ahora en adelante, por medio de la "solidaridad total"

Palabras-chave: *Bash Back!*, insurreccionismo, anarquismo, orca, *SeaWorld*, interseccionalidad

The neo-insurrectionist network known as Bash Back! has contributed to the queering of the animal liberation discourse through the publication of their 2010 communiqué entitled, “BashBack!ers in Support of Autonomous Animal Action Call For Trans-Species Solidarity With Tillikum.” The politic developed by the larger movement of neo-insurrectionist Queers, as exemplified by Bash Back!, has served to disrupt anthropocentric notions of human-liberator, animal-captive that form the centerpiece of the animal liberation discourse. Through their appropriation of an attack wherein an orca whale killed its trainer at SeaWorld, Bash Back! problematizes not only the normalized domestication of non-human animals for entertainment, but also the discourse used to critique such enslavement. Through satirical posturing and a liberatory framework, Bash Back! attempts to draw intersectional connection between the systems of domination that enslave both non-human animals and non-heterosexual Queers. Through a queering of this understanding of liberation, Bash Back! serves to shift the animal liberation discourse away from the human centric “total liberation” framework, and towards an anti-speciest framework proposed herein, termed “total solidarity.”

Keywords: Bash Back!, insurrectionist, anarchism, orca, SeaWorld, intersectionality.

Introdução

O exame da retórica política é instrutivo para o desenvolvimento de uma progressiva política revolucionária que visa ampliar a esfera da inclusão libertária. O seguinte ensaio explora como a política da rede insurrecionária Queer conhecida como Bash Back! serviu para contribuir com esta expansão através do campo relativo tanto aos estudos voltados à crítica animal quanto aos estudos Queer. Além disso, este ensaio indagará em que medida as tendências antiespecistas da maioria dos movimentos insurrecionários anarquistas Queer são relevantes para o avanço de pesquisas radicais que procuram desvelar e confrontar sistemas de dominação e opressão. Como um lugar pré-figurativo de questionamento, este ensaio examinará o comunicado emitido por uma “célula anônima da *Bash Back!*” em resposta ao incidente que ocorreu no *SeaWorld* em 2010. A partir deste evento singular, pode-se dar ensejo a uma investigação das contribuições retóricas advindas da *Bash Back!* e de outros insurrecionários Queers através da seguinte interrogação: A teoria Queer contemporânea provê as ferramentas necessárias para a desconstrução de um entendimento antropocêntrico acerca dos temas relativos

à “agressão”, “retaliação” e finalmente “libertação”? Assim, este ensaio procura problematizar: Em que medida a teoria Queer e o neo-insurrecionismo incitam uma crítica antiespecista sobre a dominação, a resistência e a libertação?

A vida das orcas em cativeiro

Em Fevereiro de 2010, no *SeaWorld* Orlando na Flórida, Tilikum, uma baleia orca de aproximadamente 5.400 kg, dita ser a maior em cativeiro, atacou e matou sua treinadora, Dawn Brancheau de 40 anos. A mídia, na esperança de contextualizar a relação de Brancheau com Tilikum, descreveu ambas como “próximas”. As imagens que circularam após o ataque mostravam, entre outras poses, Brancheau sorrindo enquanto se equilibrava no topo de Tilikum – um sorriso de orelha a orelha.¹ De acordo com as notícias do *ABC news*:

A treinadora de 40 anos estava à vontade com a baleia e havia acabado de acariciar o nariz dela. Entretanto, em uma cena que horrorizou os visitantes do *SeaWorld*, Tilikum agarrou o longo rabo de cavalo da treinadora quando esta virou de costas, puxou-a para dentro da piscina e começou a balançar-la de um lado para o outro em sua boca. (Mooney, 2010)

Após puxar a treinadora em direção à água, Tilikum nadou de piscina em

piscina com o corpo de Brancheau em sua boca, depois de finalmente ceder ao ser atraído a um estreito espaço. Na autópsia, revelou-se que a treinadora morreu de traumatismo e possuía grandes danos na cabeça, costelas e vértebras. Ela também foi afogada. Treze meses depois, em Março de 2011, Tilikum retornou ao *SeaWorld* e foi levado a performar novamente, muitas vezes ao lado de seu neto e filha. Dezenove meses antes, em 21 de Fevereiro de 1991, a mesma baleia estava envolvida com a morte de outro treinador, desta vez no *SeaLand* do Pacífico, em Victoria - British Columbia. Tilikum também estaria “envolvido”, mas não seria “responsável”, em uma terceira morte em 1999, quando um invasor do *SeaWorld* foi encontrado morto nas costas de Tilikum logo no período da manhã, momento no qual os trabalhadores chegam para abrir o parque.

A vida cativa de Tilikum começou quando ele foi levado (junto com duas outras baleias) das águas da costa Leste da Islândia em 1983 e conduzido à região Oeste do Canadá para substituir outra orca que recentemente havia morrido. No *SeaLand* Victoria, seu primeiro lugar de aprisionamento, Tilikum compartilhava uma pequena piscina com outras duas orcas e regularmente se machucava dentro deste espaço apertado. Após ter seu

primeiro filho em cativeiro, Tilikum seria impedido de interagir com sua prole. Tilikum é o pai e o avô de dezesseis proles cativas. Enquanto era “treinado” no *SeaLand*, Tilikum e outras baleias eram vítimas do “treinamento baseado na privação de alimento”, técnica a partir da qual a comida era negada aos animais que se recusavam a responder aos comandos do treinador. Durante o horário comercial do parque, as baleias eram alojadas em uma canaleta ao lado do Oceano, separada das vastas águas por uma rede. À noite, temendo a liberação dos animais (seja por meio de suas próprias ações ou por meio da intervenção de um ativista), as orcas eram transferidas para canaletas medindo apenas 6m de profundidade e 8m de diâmetro. (Williams, 2001: 47) Os tanques mal forneciam espaço suficiente para as grandes baleias se virarem. Muitas vezes, as orcas que manifestavam resistência à transferência para estas pequenas canaletas eram sancionadas a partir da privação de 100% de sua cota diária de alimento. (*ibid.*)

Em razão de Tilikum ter sido apropriado pelo *SeaLand* após outras orcas cativas, ele existia na parte inferior de uma hierarquia social interespecies e era regularmente mordido e machucado pelas duas baleias com as quais ele morava, Haida II (a mãe da primeira cria

de Tilikum) e Nootka IV. Sem uma piscina separada para viver, Tilikum era forçado a absorver os ataques das baleias que ocupavam uma posição mais elevada na hierarquia, isto é, as orcas “veteranas”. Após a morte do primeiro treinador em 1991, Tilikum foi transferido à Flórida, colocado em um grande tanque e não mais treinado por meio da privação de alimento. Aparentemente, estas mudanças não foram suficientes para impedir novos atos de violência. A existência de Tilikum no *SeaWorld* Orlando consistia em períodos de isolamento pontuados por sua performance no show Believe. Os organizadores do show visavam treinar Tilikum para que ele usasse sua longa cauda a fim de jogar [to splash] água de modo a encharcar as quinze primeiras fileiras de espectadores.

As principais organizações de bem-estar animal, incluindo *A Sociedade de Conservação de Baleias e Golfinhos* [The Whale and Dolphin Conservation Society] e *A Sociedade Mundial de Proteção aos Animais* [The World Society for the Protection of Animals], lutaram contra a domesticação de orcas citando problemas rotineiros de saúde concernente à vida em cativeiro. Por exemplo, 60-90% das orcas macho

mantidas em cativeiro experienciam um colapso na barbatana dorsal, e Tilikum não é exceção com sua barbatana dorsal completamente destruída no lado esquerdo. Esta condição é possivelmente causada por aditivos químicos na água, mudanças dietéticas, diminuição da pressão arterial em decorrência da diminuição de atividades e aumento da temperatura em virtude da constante exposição ao sol durante as performances. (NMFS, 2005: 38) *A Sociedade de Conservação das Baleias e Golfinhos* [The Whale and Dolphin Conservation Society] argumenta que tal destruição se deve ao fato das baleias nadarem repetidamente em pequenos círculos no espaço inadequado dos tanques que são oferecidos pelos parques. (Williams, 2001: 52) Críticas relativas à manutenção de baleias e de outros animais marinhos em cativeiro têm recebido cada vez mais atenção após o lançamento do filme *The Cove* (2009) no qual Ric O’Barry, o ex-treinador responsável pelos atores golfinhos utilizados na série televisiva *Flipper* (1960), começa a publicizar uma campanha contra o seu antigo ramo de trabalho. Desde que deixou o show, em meados de 1970, O’Barry se envolveu na

libertação clandestina de inúmeros golfinhos cativos. (Monroe, 2009)

Baleias assassinas e Insurrecionários Queers

As condições que parecem ter implicado o ataque de Tilikum em 2010 são bem documentadas e só podem ser lidas como um sinal de alerta em relação a mais ataques de retaliação no futuro. Orcas como Tilikum são forçadas a performar em shows como *Believe*ⁱⁱ, encenados três vezes ao dia por trinta minutos para um público de mais de 5.000 pessoas, um negócio que rende \$1.2 bilhões por ano ao *SeaWorld* Park (Garcia, 2011: “SeaWorld...”), ou seja, o lucro é proveniente da exploração de baleias, golfinhos e outros animais não-humanos. O show *Believe*, que no passado contou com Tilikum, foi interrompido em Abril de 2011 (Bevil, 2011) e substituído pelo *One Ocean*, um show destinado à “conexão com as emocionantes criaturas do mar e à percepção de que somos todos parte de um mundo, um oceano... vocês podem perceber que todos nós temos o poder de fazer a diferença neste planeta que compartilhamos”. (SeaWorld, 2011) O principal treinador do *SeaWorld* declarou aos meios de comunicação que o show *One Ocean* é “projetado para criar

uma interconexão com as baleias sem ter que estar na água”, e para “ênfatisar a personalidade individual de cada uma das duas dúzias de baleias assassinas que compõem a coleção do *SeaWorld*”. (Garcia, 2011: “Killer...”)

O ataque de Tilikum em 2010 não é considerado atípico. Na natureza, existem pelo menos três incidentes, nenhum fatal, nos quais orcas atacaram humanos. Esta informação contrasta fortemente com os registros concernentes às orcas em cativeiro, as quais estiveram envolvidas em ao menos quarenta ataques, incluindo quatro fatais. Assim, parece que viver em cativeiro aumenta a probabilidade de uma orca levar a cabo um ataque letal. Isto pode ser uma coincidência ensejada pela proximidade ou um produto dos maus-tratos no cativeiro. Parece também que uma orca envolvida em um ataque estaria mais propensa a se envolver em outro, já que pelo menos nove orcas são consideradas “reincidentes”, ou seja, envolveram-se em vários ataques contra humanos. Tal observação não escapou à mídia, assim como fica evidente em um artigo que arrogantemente afirma que as “baleias assassinas não são, em geral, vistas como ameaça aos seres humanos, embora

baleias assassinas cativas sejam famosas por atacar seus tratadores em parques temáticos”. (Gardner and Tweedy, 2010) Ademais, a cauda mortal de Tilikum era comumente conhecida entre os funcionários do *SeaWorld*, a tal ponto que eles poderiam comentar que “[Tilikum] era considerado tão perigoso que os novos trabalhadores eram rotineiramente alertados que aquele que estrasse em sua piscina poderia ‘sair como um cadáver’”. (Kennedy, 2010)

Em razão da propensão das orcas cativas em atacar, o novo show *One Ocean* foi projetado com a segurança dos treinadores em mente. De acordo com o *SeaWorld*, os treinadores do *One Ocean* trabalham “exclusivamente no palco” e manobras como a do “rocket hop”, na qual o treinador é lançado aos ares impulsionado pelo nariz da orca, foram substituídas por “múltiplas orcas performando unissonamente... em meio a fontes gigantes”. (Garcia, 2011: “Killer...”) Após o ataque de Tilikum em 2010, os treinadores do *SeaWorld* começaram a “re-treinar” as orcas, disciplinando-as a “nadar em torno do perímetro de suas piscinas enquanto ignoram progressivamente maiores distrações”. (Garcia, 2011: “SeaWorld...”) De acordo com o *SeaWorld*, esta técnica de treino,

conhecida como “treino de dessensibilização da água”, será usada para disciplinar todas as orcas da sua “coleção corporativa”, embora tenha sido anunciado que Tilikum seria excluído deste processo.

As considerações da mídia que se sucederam a morte de Brancheau em 2010 previsivelmente evitaram discutir a domesticação, o especismo e a dominação dos animais não-humanos em virtude dos dólares garantidos pelo entretenimento. As imagens divulgadas mostram a treinadora humana e a orca performer (trabalhadora escrava) como amigas, similarmente ao modo pelo qual alguém se relaciona a um animal companheiro que vive em casa. O destinatário destas imagens é levado a sentir que aquilo que ocorrera naquela tarde de Fevereiro consistira em um acidente raro com um *animal imprevisível*. Somos levados a atribuir as ações da orca ao medo ou confusão e não à raiva e à frustração. Em discussões e reportagens, o observador é lembrado da alegria da orca em receber os cuidados da treinadora antes do ataque; a intenção sendo a de conceber a relação humano-animal como uma cooperação simbiótica e não como uma relação de dominância entre mestre-escravo. Como se o animal subjugado, do mesmo modo



que um bichinho de estimação, esperasse encontrar consolo em seu treinador para “esbanjar amor incondicional... [para ser um] escravo afetivo” (Haraway, 2008: 206) em troca de alimento e cuidado. Alguém poderia argumentar que relações entre humano-animal, nas quais o jogo entre “falta de objetivo e de função’ é usado para enriquecer ambas as partes vivas” (ibid.: 223, 237), são possíveis para benefício mútuo. Apesar desta possibilidade, tal aproximação-igualitária ou tal jogo multiespécies não ocorre quando uma das partes é mantida e criada em cativeiro e forçada a performar para o entretenimento dos seus opressores.

O que se seguiu, em consonância com a mídia, foi um exercício retórico que se propunha reformular de maneira correta as ações de Tilikum para explicá-las em termos de uma imprevisibilidade accidental que não fora provocada por uma rebelião em relação à dominação. É evidente para antiespecistas que Tilikum não estava brincando enquanto preso no *SeaWorld*. Ele não vivia como um animal de companhia. Ele era um sujeito aprisionado, vítima de uma violência sistematizada inerente ao encarceramento e a performances coagidas. Esta realidade corporal se entrelaça ao pensamento contemporâneo relativo à teoria *anarco-*

insurrecionária Queer, a qual será explorada nas páginas seguintes. Tal análise começa com a asserção de que tanto animais não-humanos quanto pessoas Queer experimentam de maneira não-abstrata a *atual violência* como o produto de sua subjugação. Para fazer remissão à referida publicação *anarco-(neo) insurrecionária Queer*, citamos:

Nós, Queers, experimentamos, diretamente com nossos corpos, a violência e a dominação do mundo. Classe, Raça, Gênero, Sexualidade, Habilidade; embora estas categorias de opressão, as quais são inter-relacionadas e sobrepostas umas as outras, sejam geralmente perdidas na abstração, queers são forçadxs a entender cada uma delas fisicamente. (Towards, 2008: VI)

Nesse íterim, somos capazes de começar a ver a interseccionalidade do quadro político que rejeita a dominação violenta baseada tanto na espécie quanto na força usada para disciplinar os corpos dos denominados desviantes sexuais e discrepantes de gênero. Dias após o ataque de Tilikum em 2010, em 4 de Março, um comunicado foi escrito e distribuído pela rede *anarco-insurrecionária Queer* conhecida como *Bash Back!* (BB!). O comunicado, intitulado “*Bash Back!ers*, em apoio à autonomia da ação animal, clamam pela

solidariedade trans-espécie em relação a Tilikumⁱⁱⁱ [Bash Back!ers In Support of Autonomous Animal Action Call for Trans-Species Solidarity With Tilikum], satiricamente declarou “solidariedade a todxs que assassinam treinadores” e anunciou que “prisioneirxs políticos não-humanos do *SeaWorld* Orlando organizaram o primeiro capítulo da *Splash Back!*, uma tendência insurrecionária dos animais marinhos dedicados a destruir todas as formas de opressão”. (Bash Back! News, 2010) Além disso, a Bash Back clamou por “ações solidárias ao Tilikum por todo o país para apoiar a autonomia e a resistência animal”. (Bash Back! News, 2010)

Gays, Trans, Lésbicas e Redes de Afiliados Queer

O comunicado *Splash Back!* foi escrito anonimamente por ativistas que se identificam pelo apelido BB!. A BB! surge na América do Norte como uma força militante que visa redefinir a *práxis* política, na medida em que enseja uma identidade política emergente que desafia as tendências desdenhosas localizadas no reformismo e, muitas vezes, no assimilacionismo dos movimentos lésbico, gay, bissexual e transgênero (LGBT) que

são incorporados por organizações como a da *Luta pelos Direitos Humanos* [The Human Rights Campaign - HRC].^{iv} Ao longo desta investigação, é importante compreender que a BB! corresponde a uma das redes vinculadas aos movimentos insurrecionários e insurrecionários Queer e que, no que tange à tendência BB!, isto é, a esta rede específica, o comunicado *Splash Back!* é um entre vários textos. De fato, nossa análise tem procurado, sempre que possível, realizar observações gerais, visto que a problematização que se desenvolve deve ser pensada como uma discussão das contribuições insurrecionárias, e não apenas das contribuições de um único texto político, à crítica animal e à teoria queer.

A intervenção BB! deve ser entendida como uma *tendência* – uma forma de pensamento e de ação – posicionada no interior de um meio insurrecionário mais amplo, e não como um grupo estático ou movimento. Em seu curto período de tempo, enquanto detentora de uma existência auto-identificada (2007-2011), a *tendência BB!* se tornou uma presença extremamente ativa na ação insurrecionária da América do Norte. Através de discussões desenroladas na internet, de encontros regionais semi-regulares e da publicação

de comunicados políticos, a BB! desenvolveu uma retórica que busca expandir a esfera de inclusão em torno dos binarismos gay/hétero e macho/fêmea, oferecendo um modelo interseccional e transfigurador de luta revolucionária, influenciado não somente pela teoria Queer, pelos estudos sobre gênero e pelo feminismo, mas também por movimentos insurrecionários anti-autoritários que desafiam o poder do Estado. Este modelo expandido oferecido pela tendência BB! procura avançar na luta pela *libertação Queer* e não na luta pelos “direitos gays”. As células autônomas filiadas à BB! criticaram os movimentos LGBT no que se refere à campanha para revogar o “Não pergunte, Não Diga” [Don't Ask Don't Tell], bem como no que se refere às campanhas que advogam o casamento gay. Ativistas da BB! afirmaram, na ocasião, que pessoas Queer não devem procurar pelo reconhecimento do Estado através de reformas legais, diferentemente devem trabalhar para desafiar a heteronormatividade do casamento sancionado pelo Estado e as conexões entre a política militar, a violência estrutural e o disciplinamento dos corpos Queer.

A rede BB! de projetos, setores e células^v foi fundada em Chicago, no ano de 2007, e está intimamente ligada ao meio anarquista da América do Norte. O apelido foi usado em atos de demolição da propriedade destinada ao assimilacionismo de grupos LGBT (isto é, HRC), a eventos relativos à Parada do Orgulho Gay [Pridefest], bem como a outras instituições vistas como contribuintes da opressão Queer. A BB! também esteve envolvida em protestos que confrontavam os supremacistas brancos, a Convenção Republicana Nacional, a política de brutalidade e a violência contra a pessoa trans. Através de atos de violência política e da produção de um discurso revolucionário, a BB! buscava redefinir a luta política afirmando que a libertação Queer é um ato de anti-assimilacionismo, uma “guerra social” que se faz pelo posicionamento em oposição não somente ao Estado, mas também ao amplo discurso dos binarismos, dos sexos e dos gêneros e ao disciplinamento dos corpos, assim como apontado em uma perspectiva foucaultiana.

Projetada em similitude a outros movimentos horizontais de esquerda, a rede BB! não tem uma direção centralizadora e hierárquica e de modo algum oficializa ações ou declarações

escritas em seu nome. Apesar deste obstáculo, uma descrição concisa pode ser tomada da seção “Sobre mim” [About me] das *webpages* das células de Denver e da Philadelphia, nas quais a BB! é descrita como:

Uma rede radical de projetos queer anti-autoritários nos Estados Unidos. Bash Back! procura criticar a ideologia convencional do movimento LGBT, o qual, como vemos, dedica-se à obtenção de privilégios hétero por assimilação às instituições dominantes na sociedade heteronormativa. Os setores da Bash Back! empregam a estratégia da ação direta para confrontar o capitalismo e todas as formas de opressão inter-relacionadas, especialmente a fim de expor a ideologia gay convencional e os perigos do assimilacionismo ou homonormatividade. Bash Back! é notavelmente influenciada pelo movimento anarquista e por outros grupos queer radicais, tais como Act Up e Gay Shame. Inspiramo-nos em eventos como Stonewall Riots e White Night Riots. (Bash Back Denver, n.d.; Bash Back! Philly, n.d.)

Similarmente, a célula de Chicago se descreve como:

(...) anti-assimilação, sexo-positivo, anti-racista, grupo radical de queers, trans e anarco-feministas dedicado à erradicação da heteronormatividade por meio da subversão das normas binárias de gênero, do capitalismo e do ataque a todas as opressões que se cruzam incluindo - mas não se limitando - a supremacia branca, o patriarcado, o classismo, o ableísmo, a

gordofobia, a transfobia e o lookismo (...). (Bash Back! Chicago, n.d.)

Fort Wayne, o grupo do Texas se descreve como:

Um grupo radical de queers, trans e feministas dedicado a construir comunidades fortes e oposições militantes ao heterossexismo, à transfobia e a todas as formas de opressão, incluindo a supremacia branca, o patriarcado, o fascismo, o ageísmo, o classismo, o capitalismo, a gordofobia, a femofobia, o ableísmo, a pobreza e as fronteiras. (Bash Back! Fort Wayne, n.d.)

Note que nas descrições anteriores, relativas à lista dos sistemas de opressão, as células não fazem menção ao binarismo de espécies concernente ao humano-animal. Embora as células citem consistentemente suas oposições à “supremacia branca, ao patriarcado e (...) ao classismo” (Bash Back! Chicago, n.d.; Bash Back! Fort Wayne, n.d.), estes breves manifestos carecem de um reconhecimento explícito em relação à política de oposição ao especismo.

Apesar das nuançadas diferenças concernentes ao modo pelo qual cada célula descreve a si mesma, todas as células da rede BB! devem aderir a quatro *pontos de unidade*, os quais estabelecem:



- 1) A luta pela libertação. Nada mais, nada menos. Reconhecer que as formas de opressão institucionais, tais como o casamento e o militarismo, não são degraus em direção à libertação, mas antes em direção à assimilação heteronormativa.
- 2) A rejeição ao Capitalismo, ao Imperialismo e a todas as formas do poder estatal.
- 3) A oposição ativa à opressão dentro e fora do “movimento”. Supremacia branca, Patriarcado, Heterossexismo, Ageísmo, Adultismo, Xenofobia e todos os comportamentos opressores não serão tolerados.
- 4) O respeito à diversidade de táticas e de luta pela libertação. Não condenar uma ação somente com base nos fundamentos a partir dos quais o Estado julga que algo é ilegal. (Bash Back! Memphis, 2008)

Faz-se necessário ressaltar no interior deste debate que, no que tange aos *pontos de unidade* da rede, o especismo é mencionado como uma

opressão em relação a qual é preciso “opor-se ativamente”, seguindo as revisões feitas em 2008 pela *BB!* de Memphis. Assim, embora a rede em geral deva aceitar esta posição enquanto parte de seu projeto, uma política antiespecista não é mencionada nos manifestos individuais das células pesquisadas. Contudo, os comunicados assinados com o nome *BB!*, que circulam após uma célula clamar por ação, são mais importantes do que as estáticas diretrizes adotadas pelas células da rede. Entre a fundação em 2007 e a declaração de sua “morte” em Janeiro de 2011 (Bash Back! News, 2011), o apelido *BB!* foi usado para assinar numerosos comunicados elaborados de acordo com a ideologia da rede ou em virtude do clamor por atos políticos. O comunicado *Splash Back!*, escrito em Março de 2010, é um exemplo.

Este comunicado, apesar de ser linguisticamente brincalhão e claramente demarcado por sátira, oferece contribuições teóricas importantes tanto aos estudos Queer quanto aos estudos voltados à crítica animal. O comunicado *Splash Back!* serve como um nexos raro entre as políticas contemporâneas emergentes atreladas ao insurrecionismo anarquista anti-autoritário, à libertação animal e ao anti-assimilacionismo Queer.

É nesta encruzilhada que a *BB!* escolhe envolver o leitor, ou seja, desafia o espectador ao propor que todas as opressões merecem resistência. Isso inclui, por um lado, a opressão relativa à heteronormatividade e ao heterossexismo, confrontados pela teoria Queer; e por outro lado, a opressão concernente ao antropocentrismo e ao binarismo especista humano-animal, confrontados pelos pesquisadores que se dedicam aos estudos referentes à crítica animal e pelos libertadores de animais.

Matrizes da queerização e oposição à Reforma Assimilacionista

Os anônimos textos políticos que estão sob análise procuram redefinir e ampliar a esfera da influência da teoria Queer no que tange ao enfrentamento em relação a binarismos sistêmicos adicionais, ou seja, para além daqueles situados na raça, classe, sexo, gênero, sexualidade, habilidade, idade e etc. O exame da intersecção entre as opressões também se articula à literatura acadêmica através do trabalho de autoras como Patricia Hill Collins, que cunhou a terminologia “matriz de dominação” [matrix of domination] (2000:227-8) para se referir às taxonomias sobrepostas em que a

“dominação é organizada.” Collins (2000) propõe que “todos os contextos de dominação incorporam alguma combinação da intersecção de opressões... o conceito da *matriz de dominação* encapsula a universalidade da intersecção de opressões tal como organizada a partir de diversas realidades locais”. (228) A noção concernente à inter-relação dos sistemas de opressão se desenrola, geralmente, ao longo da literatura insurrecionária Queer (e não somente na *BB!*). Logo, para esta experiência fundacional, a posição de intersecção das opressões é denominada “Totalidade” e é definida da seguinte maneira:

Como queers, nós entendemos a Normalidade. O Normal é a tirania de nossa condição, reproduzido em todas as nossas relações. A Normalidade é violentamente reiterada em cada minuto de cada dia. Nós entendemos a Normalidade como a Totalidade. A Totalidade sendo a interconexão e a sobreposição de todas as opressões e da miséria. A Totalidade é o Estado. É o Capitalismo. É a Civilização e o Império. A Totalidade é a fixação da crucificação. É o estupro e o assassinato cometido pelas mãos da polícia. Isto é “Str8 Acting” [Ato Hétero] e “No Fatties or Femmes” [Nem Gordos e Nem Mulheres]. (Towards, 2008: II)

A partir disso, torna-se possível perceber a similaridade entre a “matriz de dominação” de Collins e a “Totalidade” insurrecionária, isto é, como ambos os conceitos significam a condição de existência que se atrela à força coletiva dos sistemas interseccionais de opressão.

O trabalho interseccional de Collins espelha as contribuições teóricas e práticas baseadas na rede *BB!*. É por meio das campanhas da *BB!* que se torna possível examinar os avanços concernentes ao discurso teórico em torno da teoria Queer e, eventualmente, em torno dos estudos críticos animais. Por exemplo, em ações da rede em relação ao casamento gay, os comunicados da *BB!* argumentavam em prol da dissolução da instituição em si mesma e, expandindo o Marxismo tradicional, eles acusavam o casamento de servir para ordenar a sociedade em vista da regulação da heteronormatividade monogâmica, do consumo e da acumulação de capital. Ao invés de argumentar em razão dos direitos *iguais* para Queers (que são buscados no casamento), a *BB!* advoga a favor do abandono total do casamento por todas as pessoas. O comunicado *Splash Back!*, escrito por “uma célula anônima da *Bash Back!*”, procura

estender ainda mais a matriz anti-opressão em direção a outras arenas de dominação, na medida em que interroga sistemas de hierarquia e desafia a perspectiva antropocêntrica vinculada a movimentos anti-autoritários tradicionais. O comunicado *Splash Back!* intenta se mover para além do quadro da “libertação total” - oferecido por libertários contemporâneos, tais como a *Frente de Libertação da Terra* [Earth Liberation Front] (ELF) e a *Frente de Libertação Animal* [Animal Liberation Front] (ALF)^{vi} - para argumentar por aquilo que tais ativistas anônimxs designam como “solidariedade total”. O quadro na “libertação total”, mesmo não tendo nenhuma definição formalmente decretada, corresponde à tentativa de estabelecer uma política libertária holística, na qual formas de dominação em intersecção são desafiadas por atores humanos. Consiste em uma luta contra “a dominação de todos os tipos”. (Best, 2009: 199) Diz respeito à tentativa de atingir um ponto pós-libertação por meio da ação humana, pois “antes de serem libertados, os indivíduos são oprimidos, subjugados e indevidamente restringidos” (Bernstein, 2004: 93)

Um exemplo desta perspectiva relativa à “libertação total” pode ser visto

no website mexicano “*Liberación Total*” (Libertação Total), o qual reporta atos de violência política concernentes à libertação animal, à libertação da Terra e a práticas anti-estatais (por exemplo, libertação humana através das lutas vinculadas às Primeiras Nações [First Nations] e problemas atinentes à prisão). O site possui uma bandeira na qual se lê “*humana, animal y tierra*” (humano, animal e terra).^{vii} Para os criadores do *website*, a “*libertação total*” consiste na campanha de humanos para libertar animais não-humanos, animais humanos e a Terra da destruição, mercantilização e domesticação. Isso se realiza através do ataque de atores humanos à propriedade de outros atores humanos. Em uma segunda articulação do quadro da “*libertação total*”, pode-se considerar o comunicado emitido em 21 de Setembro de 2011 por uma célula chilena do ALF. Nesta mensagem anônima, a responsabilidade pelo incêndio de um rodeio é expressa da seguinte maneira: “Não haverá paz enquanto animais forem escravizados, enquanto nós formos escravizados e enquanto a Terra possuir um mestre! Pela Libertação Total (humano, animal e Terra) – Frente de Libertação Animal” (Frente de Liberación Animal, 2011). Na declaração chilena o “nós” que desafia a escravidão é um “nós” humano e o sujeito “animal” escravo é um animal não-humano. Assim, nestes dois exemplos, no contexto dos ataques do ALF/ELF, bem como no de outros que se reportam à “*Libertação Total*”, o campo de batalha é diretamente constituído pelos humanos sabotadores e pelos humanos proprietários de capital, os quais são alvos dos ataques.

**Da “Libertação” à “Solidariedade”:
reconsiderações sobre a passividade da
vítima**

A “solidariedade total” articulada no comunicado *Splash Back!* se mostra como um novo ou mais desenvolvido quadro da “*libertação total*”, pois questiona a passividade do sujeito que é libertado. No caso da “greve da orca” de Tilikum, queers da *BB!* desarticulam a passividade da escravidão e atribuem agência ao ato de violência da orca. No interior do quadro da “*libertação total*”, humanos radicais defendem a Terra e os animais, na medida em que estes sujeitos se apresentam como vítimas inertes. Assim, oferecer *solidariedade* e não libertação é ampliar uma análise antiespecista articulando a ação tanto ao sujeito subjugado quanto ao seu *libertador* – não somente a um gesto de caridade do forte, no qual *humanos*

salvam animais não-humanos (e a Terra) das ações praticadas por outros humanos. Esta mudança concernente ao forte (humano) que salva o fraco (animal) busca problematizar a libertação por meio do reconhecimento de que, neste caso, os atores “fortes” (humanos) são os primeiros opressores dos atores “fracos” (animais), já que os criam, capturam e exploram para o uso dietético, científico e de entretenimento.

O comunicado *Splash Back!* provê um nível de *agência* à orca escravizada que o mais amplo discurso relativo à libertação animal não oferece. A *queerização* do ato de libertação animal se vincula ao desvelamento da não-passividade do sujeito oprimido. Esta agência vinculada à baleia orca, a qual permite vislumbrar o animal não-humano atacando ativamente como em um ato de insurreição, busca articular o conceito de “ataque”, tal como explicado pelo teórico contemporâneo do insurrecionismo, Joe Black. No ensaio, “Anarquismo, Insurreição e Insurrecionismo” [Anarchism, Insurrection and Insurrectionalism], Black escreve:

O conceito de “ataque” está no coração da ideologia insurrecionária, este é explicado da seguinte forma: Ataque é a recusa da mediação, pacificação, sacrifício,

acomodação e reconciliação na luta. É a ação e o aprender a agir, e não a propaganda, que irão abrir o caminho para a insurreição, embora análises e discussões tenham um papel no que se refere à clarificação concernente ao modo de agir. A espera só ensina a espera; na ação se aprende a agir. (Black, 2006: n.p.)

No caso de Tilikum, o comunicado presa a orca precisamente no que se refere a esta tendência, a saber, pela “recusa de mediação, pacificação, sacrifício, acomodação e reconciliação na luta”. (ibid.) Esta apreciação positiva atinente a um sujeito não-mediado e não-pacificado existe no coração da tendência insurrecionária moderna e é central no quadro da BB!. Tal defesa em relação a atores radicais que resistem à pacificação e à mediação no fraseado linguístico militante pode ser vista, por exemplo, no comunicado da BB! emitido em Março de 2009, “Solidariedade a todxs que matam policiais” [Solidarity With All Cop Killers]. Uma “célula desconhecida da Bash Back” escreve:

Em 21 de Março, Lovelle Mixon atirou em cinco policiais, matando quatro antes de morrer no tiroteio contra a Bash Back; isso é inverter os fluxos de poder e violência, explodir a hiper-normalidade em situações de revolta anteriormente impensáveis. Assim, demonstramos a mais profunda afinidade por todxs que reagem contra a pobreza afetiva e a opressão deste mundo... Como a polícia e



a mídia trabalham para difamar e caluniar Lovelle Mixon, nós expressamos nossa total solidariedade. Até que cada queerbasher seja atacado e um policial se torne nada mais do que memória. (Bash Back! News, 2009)

Nesse comunicado, podemos ver um sentido similar em relação à solidariedade que foi demonstrada no caso do Tilikum. A célula da BB! presa pela ação do oprimido (por exemplo, Tilikum e Lovelle Mixon) contra o opressor (a treinadora de animais e a polícia) e oferece solidariedade “a todxs que reagem contra...a opressão”. (ibid.) O comunicado da BB!, *Splash Back!*, acrescenta muito à queerização do discurso relativo à libertação animal, emprestando algumas de suas tendências dos insurrecionários, mas também servindo para criar novos domínios de contribuição teórica por meio, por exemplo, da redefinição do sujeito vitimado, o qual se torna um ator radical na guerra contra a dominação.

Resistindo à Apropriação: o desafio das noções de “reação”, “retaliação” e “represália”

Este elogio a atores que “reagem”, o qual frequentemente ocorre na literatura insurrecionária em geral, requer uma interrogação adicional quando desejamos nos aproximar de um quadro libertário

que evita a apropriação. Enquanto se examina o comunicado *Splash Back!*, faz-se importante considerar se a reinterpretação dos atos de Tilikum constitui uma apropriação do ideário humano, que visa objetivos próprios, no que tange à violência da orca. As políticas da BB! estariam preocupadas com o bem-estar de Tilikum? Ou elas estariam contribuindo ainda mais para a exploração de um ser que já é oprimido? Apesar destas preocupações, pode-se argumentar que a BB! evita a armadilha da apropriação e, ao invés disso, joga com a noção de que os animais agem nocivamente em relação a seus opressores na medida em que rejeitam a dominação e não simplesmente evitam a dor. Estendendo esta cautelosa ressalva em direção à Terra, pesquisadores como Jean Baudrillard sugerem que os desastres naturais possuem uma função similar, a saber, corresponderiam a experiências vivas da “insurreição da natureza”. No texto “A Agonia do Poder” [The Agony of Power] (2010), Baudrillard escreve:

A violência dos distúrbios naturais aumenta com a intensificação da violência tecnológica...É como se a Natureza estivesse promulgando a vingança...respondendo de modo “terrorista” a partir de terremotos e erupções. Na insurreição de elementos

naturais, há uma insinuação de represália.
(101)

Nesse excerto, Baudrillard sugere uma ligação entre o ecocídio e os desastres naturais, já que constrói uma conexão entre “a intensificação da violência tecnológica” e a “vingança”, “insurreição” e “represália” relativa aos terremotos, tsunamis e furacões.

Outro exemplo desta difícil distinção pode ser encontrada na campanha publicitária criada, em 2008, pelo grupo denominado Pessoas pelo Cuidado Ético dos Animais [People for the Ethical Treatment of Animals] (PETA) e utilizada anualmente durante a “Semana do Tubarão” [Shark Week]. Na propaganda do PETA, uma perna dilacerada e sangrenta é mostrada de modo protuberante na boca de um tubarão e a legenda diz “A Retaliação é o Inferno. *Go Vegan*”.^{viii} A propaganda foi criada após a lesão de Charles Wickersham de 21 anos, o qual foi atacado por um tubarão enquanto realizava uma pesca submarina no Golfo do México no final de Setembro, em 2011. (Marta, 2008) A mensagem nem um pouco sutil do anúncio corresponde à ideia de que o pescador foi atacado, pois suas ações irritaram o tubarão, que escolhera

promulgar sua “vingança” por meio do ataque a Wickersham. Ao analisarmos estes incidentes, faz-se importante examinarmos a potencialidade da antropomorfização da agressão da orca ou do tubarão. Através da retórica da BB!, as noções de agressão e libertação são queerizadas, mas ainda assim devemos perguntar: Se assumimos que a baleia mostra raiva em solidariedade à resistência às opressões, então como esta raiva apropriada serve para queerizar a noção concernente à agência animal? Ademais, faz-se possível teorizar sobre a agressão proveniente do animal não-humano sem a adoção de um quadro antropocêntrico?

As contribuições retóricas do comunicado *Splash Back!* buscam repensar a orca vitimizada como o mais novo ativista radical que “transforma seu corpo mercantilizado em uma órgão da máquina de guerra”. (Bash Back! News, 2010) A teoria Queer nos permite interrogar reflexivamente o movimento interno de afirmações como “animais são atores passivos a serem libertados” para, desse modo, consistentemente avançar em direção a um futuro libertador, na medida em que novas formas de opressão são compreendidas. Isto segue uma tendência

nos movimentos sociais centrados na justiça, nos quais se avança constantemente na esfera de inclusão por meio das lutas libertárias. Esta tradição é evidente na mudança de nome de departamentos universitários, que se chamavam *Departamento de estudos sobre a mulher* e passaram a ser denominados como *Departamento de estudos sobre gênero e sexualidade*. Tais departamentos começaram a incluir discussões concernentes à masculinidade e à variação de gênero e - quando o estudo de gênero deu espaço ao estudo Queer - o sexo, o gênero e a sexualidade foram ainda mais problematizados. Para ativistas da BB!, o movimento estendeu ainda mais a tradição inclusiva e começou a confrontar o binarismo de espécies, ao lidar com uma teoria Queer não-antropocêntrica que subverte as noções de apropriação. Pode ser dito que os ativistas insurrecionários da BB! queerizam tanto o campo dos estudos Queer quanto as teorias dos movimentos sociais que defendem a libertação animal e a da Terra.

A queerização da vítima através da Insurreição e da Guerra Social

A ideia de expandir a “libertação total” em direção à “solidariedade total” está enraizada no meio neo-insurrecionário

que tem ressurgido no anarquismo Norte Americano na última década. Este movimento é conscientemente cunhado como neo-insurrecionário em toda a nossa análise, pois se vincula ao desenvolvimento de um período político, logo após o fim da União Soviética em 1989, no qual o anarquismo revolucionário ocorre. Tal ponto da taxonomia histórica é intencionalmente vaga no que tange à identificação de tendências ideológicas que se tornam inerentemente subjetivas e fluidas. Nesta análise, o anarquismo neo-insurrecionário é aquele que reemerge após os movimentos inspirados no marxismo armado das décadas de 60 e 70, tais como a *Facção do Exército Vermelho* [Red Army Faction] na Alemanha, e a *Brigada George Jackson* [George Jackson Brigade] e o *Exército Preto de Libertação* [Black Liberation Army] nos Estados Unidos. A ressurgência pós-marxista do ilegalismo no interior do anarquismo é destacada por pensadores como Alfredo Bonanno (b.1937) e organizações como a *Federação Anarquista Informal* [Informal Anarchist Federation] (de 2003 até o presente) e a *Conspiração das células de fogo* na Grécia [Conspiracy of Cells of Fire] (de 2008 até o presente). Esta ressurgência é historicamente marcada por um período

de tempo distinto daquele referente aos desejos insurrecionários de predecessores ilegalistas como Johann Most (1846-1906), Errico Malatesta (1853-1932) e La Nade à Bonnot (1911-1912) conhecido pejorativamente pelo Bando Bonnot.

Nos âmbitos deste tempo neo-insurrecionário, um grande número de pseudônimos individuais e coletivos surgiam enquanto pensadores formativos. Ademais, o espaço neo-insurrecionário fundamental foi o jornal filosófico francês (1999-2001) conhecido como *Tiqqun*. Assim como articulado nas páginas de *Tiqqun* e mais amplamente nas publicações conhecidas como *A Insurreição Porvir* [The Coming Insurrection]^{ix}, estes anarco-insurrecionários contemporâneos ofereceram a noção de “guerra social” com o objetivo de confrontar e destruir todas as formas observadas de dominação. De fato, as contribuições anônimas de *Tiqqun* e outras publicações se voltaram à escrita de longos tratados sobre aquilo que constitui tal “guerra social” ou “guerra civil”, contudo, também podemos olhar para a publicação contemporânea anarco-insurrecionária Queer denominada “Em direção à Insurreição Queer” [Towards the Queerest Insurrection] que oferece a seguinte explicação sobre a “guerra

social”: “Queremos simplesmente arruinar a dominação em todas as suas variedades e formas interligadas. Esta luta, que inibe toda a socialização, é o que conhecemos como guerra social. Concerne tanto ao processo quanto à condição do conflito com esta totalidade”. (Towards, 2008: III)

Em certo sentido, a publicação “Em direção à Insurreição Queer” [Towards the Queerest Insurrection] queeriza a noção de “ataque”. Neste recente ataque queer, todas as formas de dominação que existem em colaboração dão ensejo a um movimento entrecruzado de solidariedade. Assim, enquanto Queer é preciso colocar-se ao lado dos sujeitos dominados, isto é, o movimento Queer coloca o sujeito em uma posição na qual atacar a dominação é contribuir para a sua própria libertação como uma “vítima” não-hétero. Para voltar ao “Em direção à Insurreição Queer” [Towards the Queerest Insurrection], citamos:

Queer é uma posição a partir da qual se ataca a normatividade – ou melhor, uma posição por meio da qual se entende e se ataca os meios em que a normalidade é reproduzida e reiterada. Ao desestabilizarmos a normalidade, podemos desestabilizar e nos tornar um problema para esta Totalidade...Ser queer é estar em conflito direto com as forças de controle e dominação. (Towards, 2008: VII-VIII)

De acordo com este panfleto, ser Queer é colocar-se ao lado do oprimido e, assim, o “ataque à normatividade” só pode ser benéfica a todxs que existem nas margens da Totalidade heteronormativa e antropocêntrica. O comunicado *Splash Back!* está claramente alinhado com este viés da análise insurrecionária, vejamos:

Consideramos o ataque a Dawn Brancheau um ato de guerra social, já que Tilikum deu nova amplitude às ondas que ele monotonamente criava através de seus respingos [splashes] inspiradores. Tilikum destruiu o que o destruía ao transformar seu corpo mercantilizado em um órgão da máquina de guerra; assim, levando a cabo uma greve da orca. (Bash Back! News, 2010)

Este apoio e desejo manifesto no que se refere ao ensejo da “guerra social”, ou seja, à “destruição do que destrói você”, podem ser percebidos em todos os escritos da BB!, bem como naqueles escritos mais gerais relativos ao meio anarco-Queer insurrecionário. A BB! se apropriou de uma postura violenta como seu *modus operandi*, de tal maneira que podemos nos deparar com fotos da BB! que nos remetem ao estilo do *Pantera Negra* [Black Panther], isto é, fotos nas quais ativistas aparecem mascaradxs com bastões, tacos, porretes, picaretas e outras armas nas mãos.^x Redes insurrecionárias Queer coma

a BB! regularmente produzem propagandas envolvendo armas de fogo^{xi}, de maneira a espelhar e tematizar as imagens adotadas por movimentos engajados na violência insurrecionária armada, os quais visam a morte das forças de segurança do Estado e o bombardeamento de bancos. A questão de saber se estas imagens correspondem a uma postura brincalhona, se elas se vinculam à projeção de uma posição idealista ou a um teatro político não é respondida, mas os atos da BB!, nos quais se distribuem *sprays* de pimenta e se defende a briga de rua, podem nos sugerir uma resposta em determinada direção.

A adoção e o redirecionamento da violência, esta *queerização da vítima*, por todxs que se auto-identificam Queers, também pode ser vista em um comunicado emitido em Abril de 2011 por ativistas que se articulam ao mesmo estilo das redes de ação direta, a saber, a *Ação Anti-Racista* [Anti-Racist Action] (ARA).^{xii} O comunicado da ARA, escrito por uma “bicha” e intitulado “A rejeição da identidade de vitimização quando se racha um crânio Nazi” (The rejection of the identity of victimization through cracking a Nazi’s skull) presa pelos esforços de ativistas que contribuíram para a hospitalização de seis “Nazis”, bem

como para numerosas injúrias adicionais e danos à propriedade. O comunicado proclama orgulhosamente que os ativistas da ARA eram “negros, trabalhadores, imigrantes, mulheres, queers, trans e ou pessoas em liberdade condicional.” No comunicado, a dicotomia binária vítima/vitimizador é queerizada através da apropriação da “violência ideológica” (Zizek, 2008:10) do racismo/fascismo/nazismo e da reprodução desta como violência física advinda das “vítimas” Queers. No comunicado, afirma-se:

A lógica da vítima é constantemente empurrada em cima de nós. Diz-se que nós estamos “em risco” e devemos ser protegidxs e alcovitadx. Diz-se que precisamos de outros, usualmente do Estado, para nos proteger e se levantar por nós. Mas, através da ação na qual cabeças de Nazis são rachadas ao meio, nós rejeitamos a lógica da vitimização... Quando formos atacadx, buscaremos por cada um que nos atacou e contra-atacaremos dura e ferozmente, de tal modo que nós mesmxx iremos nos surpreender. Se os Nazis nos chamam de bichas, eles podem não estar tão longe do rótulo. Mas, se eles confundem esses insultos com fraqueza, as seis visitas hospitalares que enfrentaram provam o contrário. (Bitch Ass Faggot, 2011)

Dessa forma, podemos perceber mais uma tendência similar àquela articulada no comunicado *Splash Back!*. Em certo sentido, ambos os comunicados correspondem a chamadas “violentas”

para o armamento e são escritos por classes tradicionalmente oprimidas: animais encarcerados, Queers, imigrantes, pessoas trans e assim por diante. Em segundo lugar, tanto os comunicados da *BB!* quanto os da ARA queerizam a posse da produção de violência, apresentando a vítima como um novo e reinscrito sujeito Queer, um sujeito que vai contra-atacar quando oprimido – um sujeito que interpreta a opressão como uma representação da totalidade de todas as opressões que requerem desafio.

Os limites do movimento Queer e Por que nem todxs anarquistas são vegan?

O comunicado *Splash Back!* engaja o leitor a um discurso antiespecista através do uso de uma linguagem retórica presuntiva. O comunicado apresenta uma presunção não declarada de que anarco-insurrecionários Queer anti-autoritários, e todxs que o movimento percebe como seus constituintes, estão abertos à queerização do binarismo de espécies e agem a favor da libertação animal. A presunção de que todxs que confrontam o binarismo hétreo/Queer similarmente desafiariam o binarismo animal/humano é contrária à real história do movimento LGBT, bem como à história da esquerda em geral. Estes movimentos permanecem

antropocêntricos em suas práticas e retóricas, amplamente preocupados com um míope e único problema e continuam a estabelecer resistências que desconectam as lutas relativas aos direitos *humanos*, direitos das *mulheres*, direitos dos *gays*, direitos *ambientais*, direitos do *Terceiro Mundo*, etc. (Best, 2009: 189) Estes movimentos, embora libertários em ideologia, regularmente desconsideram a interseccionalidade da análise antiespecista; assim, resistem à queerização dos binarismos quando eles (os ativistas humanos) caem do lado do opressor. O movimento insurrecionário Queer - o qual, conforme a *BB!*, busca pela queerização das análises sobre o binarismo - quando foca na crítica da dominação hierárquica de todas as formas, inclui a dominação especista. As ações e a retórica incorporadas no comunicado da *BB!* servem para desafiar e reconstruir a teoria Queer, expandindo a construção da “matriz de dominação” de Collins e aferindo que todos os binarismos são desafios que precisam ser igualmente superados.

Tal observação sobre os movimentos sociais incita a seguinte questão: Por que a esquerda anarquista/anti-autoritária não é

inerentemente antiespecista e pró-libertação, enquanto que uma rede Queer radical como a *BB!* se posiciona firmemente no campo político da libertação? A afirmação feita pela *BB!*, por meio da recusa em fornecer um argumento contra o especismo, assume que o círculo de Queers da *BB!* seria solidário a luta contra o especismo. É difícil discernir se um desafio ativista em relação ao especismo, por meio de ataques clamados pelo ALF/ELF, apoiaria tendências insurrecionárias Queer, mas poderíamos fazer uso do mesmo argumento de outra forma: Se alguém se opõe ao especismo, este mesmo alguém deve se opor a outros binarismos violentos, tais como aqueles que mantêm o sistema de homofobia, heterossexismo, assimilação Queer e transfobia. Assim, a postura radical do ALF/ELF, via suas práticas e retóricas, presume que todos que participam destes movimentos são “pró-queer” (ou ao menos, no mínimo, não homofóbicos); mas esta lógica é falha no que se refere à explicação da questão que pergunta pelos motivos em razão dos quais os movimentos LGBT e anarquistas não são admitidamente antiespecistas.

No meio contemporâneo da esquerda é permitido ser um anarquista



que come carne, mas é impossível ser um defensor da libertação animal e simultaneamente racista, homofóbico ou sexista. É permitido ser um ativista LGBT articulado a HRC e ser também um classista, ableísta e transfóbico. Esta observação antropológica dos movimentos sociais representa um duplo padrão em que as “*questões animais*” estariam relegadas a um único problema político e não a uma subsequente articulação entre a tendência anarco-libertária em direção à horizontalidade, solidariedade, não violência e promoção de comportamentos não-coercitivos. Através da redação formulada pela BB!, pode-se perceber que o comunicado queeriza o projeto relativo à libertação animal ao estabelecer que ser solidário à BB! é apoiar firmemente uma perspectiva antiespecista. A BB! visa queerizar o discurso da esquerda anarquista contemporânea para entrever a presumida conexão entre as políticas anarquistas da anti-coerção, do anti-autoritarismo e da anti-mercantilização com o *anti-especismo*. A queerização é novidade no que tange a estas articulações. Se a queerização já tivesse se estabelecido, todxs que visam o anti-autoritarismo seriam veganxs na prática, da mesma forma que, na prática, todxs anarquistas

são presumivelmente feministas, *anti-racistas*, *anti-sexistas*, indivíduos Queer.

A rede BB! queeriza a própria teoria Queer na medida em que desafia a natureza única de uma análise baseada em identidades políticas. Não apenas na luta pelos interesses dos animais não-humanos a BB! age com solidariedade, mas também ao rejeitar um projeto de autosserviço. Se a BB! rejeitasse os animais não-humanos porque estes não incorporariam a tendência Queer e a variação de gênero, então o movimento cairia na mesma armadilha dos outros movimentos descritos acima. Ao invés disso, ao vincular a questão Queer à ampla questão da libertação, a BB! se mostra contra a especialização de problemas e contra a ideia “*vamos frequentar minha escola de pensamento*”, a qual poder ser vista em muitas facções da esquerda.

O quadro das ações de Tilikum no comunicado Splash Back! é certamente divergente das tradicionais mobilizações de esquerda, as quais incluem políticas antropocêntricas no que concerne à construção da “*justiça*”. Além disso, o elogio de uma “*greve da orca*” é também pouco familiar para os principais discursos relativos aos direitos dos animais e à libertação animal. Os discursos designados como *direitos* dos

animais e *bem-estar* animal visam estabelecer uma esfera protetiva em relação a animais não-humanos, enquanto aqueles que lutam pela libertação animal procuram desvincular estas criaturas do uso humano. Apesar destas principais posições em relação ao animal, nenhum dos três quadros se aproxima de um entendimento de que a ação animal constitui agência e se articula a um senso de autoconsciência do animal em relação à dominação pela qual ele próprio passa. Mesmo no que tange a fins libertários (tome como exemplo os libertários que se afiliam ao ALF), a ocorrência de um animal matar um humano é raramente entendida como o ato da vítima oprimida que ataca o opressor de modo a resistir à dominação. De fato, tanto os direitos dos animais quanto a libertação animal se opõem à escravização de Tilikum em vista do entretenimento humano, contudo, nenhum deles reinscreve a ação da orca por meio de uma política radicalmente insurrecionária na tentativa de desenvolver um movimento transversal, inclusive no que diz respeito à crítica revolucionária. Até mesmo no exemplo da propaganda do PETA, concernente ao ataque do tubarão, foca-se na “vingança” ao invés de se promulgar uma articulada

resistência à dominação de um animal não-humano.

A teoria Queer propõe não somente a reinterpretação do sujeito agente, mas também a subversão do binarismo relativo à libertação animal que estabelece o animal como oprimido e o humano como opressor. Esta equação acaba por conduzir à conclusão de que se o animal é igual ao oprimido e o humano igual ao opressor, então perpetuamente um humano falante libertará o animal oprimido silenciado. Isto permanece verdadeiro no caso dos libertários do ALF, para os quais os humanos (opressores) buscam libertar os animais (oprimidos) da exploração. Para citar mais um exemplo, Peter Young, um proeminente ativista pró ALF e um ex-prisioneiro político do ALF, escolheu nomear seu website e newsletter como “Voz dos sem voz” [Voice of the Voiceless] (2009-2011), uma postura retórica que ilustra o assunto relativo à dicotomia binária entre o libertador e o oprimido. A nova e queerizada teoria Queer advogada através da BBI!, permite-nos colocar a questão: Como esta performance da libertação de Tilikum queeriza a hierarquia especista adotada pelo discurso da libertação animal – um discurso que privilegia os humanos através da manutenção do humano como

libertador e do animal como vítima passiva? Em suma, as contribuições teóricas da BB!, tal como mostradas no comunicado Splash Back!, podem ser entendidas como a queerização dos limites atinentes ao libertador e ao sujeito libertado e, além disso, como a expansão do reino do binarismo, já que se inclui aquele correspondente à espécie.

Conclusão

Embora este ensaio se concentre em uma única peça do teatro político a fim de discutir as amplas tendências contemporâneas do insurreccionismo, análises vindouras deverão examinar textos popularizados, tais como o filme de 2011 “Planeta dos Macacos: A Origem” ou ainda o livro inédito “Morte no SeaWorld” [Death at Sea World]. Mais precisamente, investigações subsequentes acerca de um novo estudo queer sobre a subjugação do animal se atrelarão a seguinte questão: Estes textos e escrito cinematográficos antropomorfizam de modo semelhante a libertação animal, ou seja, apresentam os animais não-humanos como aqueles que “revidam”? De fato, pesquisas mais detalhadas em torno destas

obras são necessárias para entender tais interpretações e o impacto delas no que se refere a nossa compreensão da “violência” realizada por animais não-humanos. A queerização do discurso libertador deve ser compreendida como um passo libertário e positivo no que tange ao nosso propósito de expandir a esfera de inclusão dos animais não-humanos, de tal maneira que isto beneficiaria tanto o campo dos estudos críticos animais quanto o dos estudos Queer, por meio da análise entrecruzada e colaborativa entre ambos.

Um quadro holístico e anti-autoritário deve incluir uma rejeição do especismo em vista de aproximar verdadeiramente a potencialidade do desafio em relação à dominação e à hierarquia das esperanças em um mundo mais libertário. Agendas baseadas em problemas paroquiais, sectários ou específicos jamais terão um potencial revolucionário, já que estarão sempre miradas em contradição e na alavancagem dos desejos de uns (classe oprimida) sobre os direitos de outros. Os movimentos LGBT, anarquista e do direito dos animais são exemplos de esforços que não alcançam o desenvolvimento de uma análise que é verdadeiramente interseccional e inclusiva. Enquanto o movimento LGBT



não desafia hierarquias que incluem classe e raça, outros movimentos, identificados na esquerda anarquista, não desafiam a espécie. A crítica neo-insurrecionária oferecida pela *Bash Back!* também provavelmente deixará alguns pelo caminho, embora contenha em sua fundação uma tendência a expandir sua análise, já que a rede se propõe investigar advertências adicionais em relação a opressões conhecidas entre seus idealizadores na medida em que o tempo

passa. Este entendimento político, a partir do qual as hierarquias de espécie são compreendidas de modo similar àquelas vistas no que se refere à raça e à classe, é a peça central de uma política profundamente libertária.

MICHAEL LOADENTHAL

È um organizador anarquista, um pai animado e um acadêmico insurgente que mora em Washington- DC; é envolvido com um vasto número de projetos anti-autoritários nos EUA e no exterior. Em 2010, completou o mestrado no Centro de Estudo sobre o Terrorismo e Violência Política [Centre for the Study of Terrorism and Political Violence - University of St. Andrews, Scotland] focando sua Dissertação na Frente de Libertação Animal e da Terra [Animal/Earth Liberation Front]. Ele é autor de numerosos trabalhos sob uma variedade de pseudônimos; leciona “Terrorismo e Violência Política” na Georgetown University e atualmente é doutorando na Escola de Análise e Resolução de Conflitos [School for Conflict Analysis and Resolution - George

Referências

Bash Back! Chicago, (n.d.) Blurbs: About Me.
<http://www.myspace.com/bashback> (Acessado em 01 de Agosto de 2011).

Bash Back! Denver, (n.d.) Blurbs: About Me.
<http://www.myspace.com/bashbackdenver> (Acessado em 01 de Agosto de 2011).

Bash Back! Fort Wayne, (n.d.) Blurbs: About Me.
<http://www.myspace.com/bashbackftw> (Acessado em 01 de Agosto de 2011).

Bash Back! Memphis. (2008) “Memphis area Anti-Authoritarians networking & organizing”, Infoshop.org - Forums, 10 March 2008.
<http://forums.infoshop.org/viewtopic.php?t=7908&f=2#p28106> (Acessado em 01 de Agosto de 2011).

Bash Back! News. (2009) “Solidarity With All Cop Killers,” Indy Bay, 28 March 2009.
<http://www.indybay.org/newsitems/2009/03/28/18584116.php> (Acessado em 01 de Agosto de 2011).

Bash Back! News. (2010) “Bash Back!ers in Support of Autonomous Animal Action Call For Trans-Species Solidarity With Tillikum”, Anarchist News, 03 March 2010.
<http://anarchistnews.org/?q=node/10815> (Acessado em 01 de Agosto de 2011).

Bash Back! Philly. (n.d.) Blurbs: About Me.
<http://www.myspace.com/bashbackphilly> (Acessado em 01 de Agosto de 2011).

Bernstein, M. (2004) “Legitimizing Liberation”, in Best, S. and Nocella, A. J. (Eds). *Terrorists or Freedom Fighters: Reflections on the Liberation of Animals*. Lantern Press, New York, NY, pp. 93-105.

Best, S. (2009) “Rethinking revolution: total liberation, alliance politics, and a prolegomena to resistance movements in the twenty-first century”, in Amster, R. and

DeLeon, A. and Fernandez, L. A., and Nocella, A. J. and Shannon, D. (Eds).
Contemporary Anarchist Studies: An introductory anthology of anarchy in the academy.
Routledge, New York, NY, pp. 189-199.

Black, J. (2006) “Anarchism, insurrections and Insurrectionalism”, *Red & Black Revolution* #11 (Ireland), 19 July 2006.
<http://www.ainfos.ca/06/jul/ainfos00232.html> (Acessado em 01 de Agosto de 2011).

Bevil, D. (2011) “SeaWorld Orlando: New killer-whale show to debut April 22”, *Orlando Sentinel Blog*, 05 April 2011.
http://blogs.orlandosentinel.com/features_orlando/?p=4406 (Acessado em 01 de Agosto de 2011).

Bitch Ass Faggot, A. (2011) “Anti-Racist Action: The rejection of the identity of victimization through cracking a Nazi's skull”, *Anarchist News*, 16 April 2011.
<http://anarchistnews.org/?q=node/14443> (Acessado em 01 de Agosto de 2011).

Baudrillard, Jean. (2010) “*The Agony of Power*”. Semiotext(e)/MIT Press: Los Angeles, CA.

Collins, P. H. (2000) “*Black Feminist Thought*” (2nd Ed.). Routledge: New York, NY.

Garcia, J. (2011) “Killer whale trainers won't be in water for new SeaWorld show”, *Orlando Sentinel*, 03 February 2011.
<http://www.orlandosentinel.com/business/tourism/os-seaworld-killer-whale-show-20110203,0,5206150.story> (Acessado em 01 de Agosto de 2011).

Garcia, J. (2011) “SeaWorld prepares to put trainers back in water with killer whales”, *Orlando Sentinel*, 23 February 2011.
<http://www.orlandosentinel.com/business/os-seaworld-trainers-water-20110223,0,1956999.story> (Acessado em 01 de Agosto de 2011).

Gardner, D. and Tweedy, J. (2010) “Killer whale which drowned its trainer in front of SeaWorld spectators will NOT be put down... and may perform again”, *Daily Mail UK Online*, 25 February 2010.

<http://www.dailymail.co.uk/news/article-1253800/SeaWorld-killer-whale-caught-trainers-hair-down.html> (Acessado em 01 de Agosto de 2011).

Gayge. (2011) “A Critique of Anti-Assimilation, Part I”, *Autonomous Struggle of the Glittertariat*, 11 August 2011.

<http://glittertariat.blogspot.com/2011/08/critique-of-anti-assimilation-part-i.html> (Acessado em 19 de Agosto de 2011).

Haraway, D. J. (2008) “*When Species Meet*”. University of Minnesota Press: Minneapolis, MN.

Kennedy, H. (2010) “Whistleblower complaint by ex-SeaWorld chief Linda Simons claims negligence in drowning of trainer”, *NY Daily News*, 23 August 2010.

<http://www.nydailynews.com/news/national/2010/08/23/2010-08-23-whistleblower-complaint-by-exseaworld-chief-linda-simons-claims-negligence-in-dr.html#ixzz1ToDGXiXD> (Acessado em 01 de Agosto de 2011).

Monroe, M. (2009) *The Cove [Film]*. Oceanic Preservation Society: Boulder, Co.

Mooney, M. (2010) “SeaWorld Trainer Killed by Whale Had Fractured Jaw and Dislocated Joints”, *ABC News: Good Morning America*, 31 March 2010.

<http://abcnews.go.com/GMA/seaworld-trainer-dawn-brancheau-suffered-broken-jaw-fractured/story?id=10252808> (Acessado em 01 de Agosto de 2011).

National Marine Fisheries Service (NMFS). (2005) Proposed Conservation Plan for Southern Resident Killer Whales (*Orcinus orca*). National Marine Fisheries Service Northwest Region: Seattle, WA.

<http://web.archive.org/web/20070221111451/http://www.nwr.noaa.gov/Marine-Mammals/Whales-Dolphins-Porpoise/Killer-Whales/Conservation-Planning/upload/SRKW-propConsPlan.pdf> (Acessado em 01 de Agosto de 2011).

“Reflections on the Demise of Bash Back!”, (2010) *Pink and Black Attack* #6, pp. 18-21, Fall 2010.

<http://zinelibrary.info/files/PABA6.pdf> (Acessado em 01 de Agosto de 2011).

SeaWorld Orlando, (2011) Shows: One Ocean SeaWorld Orlando, Orlando, FL.

<http://www.seaworld.com/sitepage.aspx?PageID=533> (Acessado em 01 de Agosto de 2011).

Towards the Queerest Insurrection. (2008) Mary Nardini Gang: Milwaukee, WI.

http://zinelibrary.info/files/Queerest%20Final_0.pdf (Acessado em 01 de Agosto de 2011).

Williams, V. (2001) “Captive Orcas – ‘Dying to Entertain You’: The Full Story, Whale and Dolphin Conservation Society”, Chippenham, UK.

http://www.wdcs.org/submissions_bin/orcareport.pdf (Acessado em 01 de Agosto de 2011).

Zizek, S. (2008) *Violence*, Picador: New York, NY.

NOTAS

i



Fonte: http://i.i.com.com/cnwk.1d/i/tim//2010/02/25/10_2011.jpg

Para uma coleção de imagens adicionais do treinamento e performance de Brancheau com orcas, incluindo Tilikum, é possível visitar o grupo do Flickr denominado “Tributo a Dawn Brancheau” [Tribute to Dawn Brancheau]: <http://www.flickr.com/groups/1320694@N25/>. Esta coleção, visualizada em 23 de Janeiro de 2012, contém 149 imagens e 1 vídeo de Brancheau. 39% destas imagens exibem Brancheau no topo de uma orca, lançando-se dela ou andando sobre ela, e 8% (12/150) mostram a treinadora beijando ou abraçando uma orca.

ii Para um exemplo do show Believe no SeaWorld visitar: <http://www.youtube.com/watch?v=ttq2ou8XuSU>

iii Bash Back!ers, em apoio à autonomia da ação animal, clamam pela solidariedade trans-espécie em relação a Tilikum

Uma célula autônoma da *Bash Back!* está clamando pela solidariedade em relação ao criminoso marinho Tilikum, a orca responsável por matar a treinadora do SeaWorld Orlando no fim de Fevereiro. Consideramos o ataque a Dawn Brancheau um ato de guerra social, já que Tilikum deu nova amplitude às ondas que ele monotonamente criava através de seus respingos [splashes] inspiradores. Tilikum destruiu o que o destruiu ao transformar seu corpo mercantilizado em um órgão da máquina de guerra; assim, levando a cabo uma greve da orca. Por muito tempo ele permaneceu confinado como um espetáculo para a população americana consumidora. O efeito de sua revolta corporal nos auxiliou a perceber a potencialidade reificante dos nossos desejos subjacentes. Membros da Associação Americana pela Família [The American Family Association] saíram em favor de apedrejar Tilikum até a morte em razão de sua greve contra os sistemas de dominação. Em resposta, prisioneirxs políticos não-humanos do SeaWorld Orlando organizaram o primeiro capítulo da *Splash Back!*, uma tendência insurrecionária dos animais marinhos dedicados a destruir todas as formas de opressão. *Bash Back!* deve se aliar a luta pela libertação animal, bem como contra o direito religioso que procura criminalizar os corpos queers e as orcas. Nós

clamamos por ações solidárias ao Tilikum por todo o país para apoiar a autonomia e resistência animal. As orcas têm sido criminalizadas por muito tempo; o tempo para a libertação dos animais marinhos é agora. Solidariedade a todxs que assassinam treinadores!



(4 de Março de 2010)

Legenda: Arpando a guerra social. SPLASH BACK!

^{iv} A HRC é infame no contexto de uma crítica Queer, pois, entre outras coisas, age contra os interesses das pessoas trans. Apesar desta história, a organização permanece rotulada como um grupo de direitos para lésbicas/gays/bissexuais/transgêneros. Embora o grupo HRC se apresente sob uma luz mais inclusiva, ele geralmente é criticado por representar apenas homens, brancos, heterossexuais da classe média. Para um exemplo da matéria-de-fato a partir da qual se lança tal crítica, pode-se certificar “Uma Crítica da Anti-Assimilação Parte I” [A Critique of Anti-Assimilation Part I], incluído nos trabalhos referenciados. Apesar destas deficiências comumente apontadas, em vista de uma linguagem baseada em siglas a serem decifradas, a HRC é incluída dentro do grupo LGBT.

^v Para uma descrição mais detalhada da estruturação e da organização da rede Bash Back!, certificar o artigo “Reflexões sobre o desaparecimento da *Bash Back!*” [Reflections on the Demise of Bash Back!], publicado no fanzine Ataque Rosa e Preto #6 [Pink and Black Attack #6]. O zine se encontra inteiramente disponível no link: <http://zinelibrary.info/files/PABA6.pdf> (Acessado em 01 de Agosto de 2011) e o artigo foi repostado em: <http://sketchythoughts.blogspot.com/2010/09/reflections-on-demise-of-bash-back.html> (Acessado em 01 de Agosto de 2011).

^{vi} A *Frente de Libertação Animal* [Animal Liberation Front] (ALF) e a *Frente de Libertação da Terra* [Earth Liberation Front] (ELF) são rotulações adaptáveis escolhidas por ativistas clandestinos que dão ensejo a atos de destruição à propriedade, bem como a sabotagem e roubo de negócios compreendidos como nocivos à Terra e a animais não-humanos. Estes grupos são semelhantes à rede Bash Back! por não possuírem uma liderança central, mas sim células que operam em uma rede tenuamente conectada. A rede compartilha pontos de unidade, mas estratégias de movimento e campanhas são desenvolvidas pontualmente por ações de ativistas e por debates internos ao movimento através de publicações impressas e eletrônicas. ALF/ELF são responsáveis por milhares de ataques que se sucedem globalmente; nos EUA estes grupos são considerados pelo FBI, há mais de dez anos, como os “primeiros no que se refere ao terrorismo doméstico”.

^{vii} <http://www.liberaciontotal.lahaine.org/> (acessado em 01 de Agosto de 2011). Referimo-nos à bandeira do website mexicano da Libertação Total assim como visualizada em 01 de Agosto de 2011. Desde Janeiro de 2012 a bandeira foi modificada. Agora aparece sem texto e assenta-se sobre as palavras “Contra todas as formas de dominação!” (Contra toda forma de dominación!).

viii



Fonte: <http://blog.peta2.com/paybackishell.jpg>

^{ix} Outros exemplos contemporâneos de pensamento insurrecionário incluem as publicações do Instituto pela Liberdade experimental [Experimental Freedom] - autores do “Política não é uma banana: o periódico do discurso vulgar” [Politics is Not a Banana: The Journal of Vulgar Discourse] – os fanzines/websistes denominados Fogo nas Prisões [Fire to the Prisons] (firetotheprisons.com), Modesto Anarcho (modestoanarcho.org), 325 (325.nostate.net), bem como sites que incluem <http://waronsociety.noblogs.org/>, <http://sysiphus-angrynewsfromaroundtheworld.blogspot.com/>, <http://actforfreedomnow.wordpress.com/>, <http://thisisourjob.wordpress.com/>, <http://socialrupture.tumblr.com/>, os comunicados da rede grega conhecida como Conspiração das Células de Fogo [Conspiracy of Fire Cells] e os escritores que se dedicam ao teórico e militante Alfredo M. Bonano.

x



Um pôster produzido por uma célula anônima da Bash Back! para avisar os organizadores de Milwaukee, Parada Gay WI que aconteceu em Junho de 2008, sobre o confronto com os Neo-Nazis, Movimento do Nacional Socialismo [National Socialist Movement] (NSM). O NSM havia previamente anunciado a intenção de executar uma marcha em oposição à Parada Gay, a qual eles dizem ser a “promoção da homossexualidade em nossa comunidade”.



Uma imagem produzida durante a sessão de fotos da Bash Back! Lansing, MI.

xi



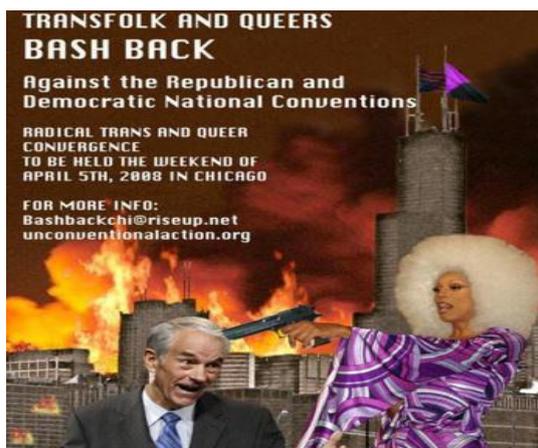
Uma imagem que circulou para anunciar a convergência da rede Bash Back! em Denver, CO. Note o revólver, o soco inglês e a publicação insurrecionária “Tornar-se Motim” [Becoming, Riot].



Uma imagem que aparece no comunicado “Em direção à Insurreição Queer” e reimpressa em publicações insurrecionárias Queer ideologicamente alinhadas.



Propaganda para a convergência de ação das células da Bash Back! em Abril de 2008 contra as Convenções Nacionais dos Republicanos e Democratas. A proposta é “facilitar a organização de Queers e Trans contra as convenções de partidos políticos”. (Bash Back! Chicago, 2008)



Propaganda para a convergência de ação das células da Bash Back! em Abril de 2008 contra as Convenções Nacionais dos Republicanos e Democratas. A proposta é “facilitar a organização de Queers e



Trans contra as convenções de partidos políticos”. (Bash Back! Chicago, 2008) No anúncio, vê-se a foto da drag queen Ru Paul atirando no candidato à Presidência Ron Paul enquanto a cidade queima no fundo.

^{xii} A Ação Anti-Racista [Anti-Racist Action] (ARA) é uma rede de ativistas que se reúne para ações ad hoc que se opõem aos supremacistas brancos, neo-Nazi, anti-abortistas e movimentos afiliados. ARA acredita no confronto direto em relação aos seus opositores por meio da força e prevenção para impedir que estes movimentos, aos quais eles se opõem, desempenhem funções públicas. Por exemplo, a ARA irá regularmente impedir unidades de recrutamento para as Nações Arianas [Aryan Nations] e encontros regionais da KKK. A rede nacional partilha de pontos de unidade e as ações são organizadas por células que funcionam em um nível quase clandestino. Eles são diferentes das redes ALF/ELF/BB!, pois o foco da ARA não corresponde a executar atos clandestinos de destruição à propriedade, mas antes consiste em dar ensejo a marchas públicas e contra-protestos em reação à organização de planos dos supremacistas brancos, neo-Nazis, etc.